

Faculdade de Direito do Recife
Turma do Sesquicentenário
DISCURSO DO ORADOR
GILBERTO MARQUES



24

U. P. No.
FAN DE DUEÑO
BIBLIOTECA
F/1 30.8.81

Biblioteca
da Faculdade de
Direito
12/10/77

DISCURSO

C

Cumprimentos: (...)

Tenho nesse discurso, uma imagem de saudade que me invade o peito. A mensagem que se guardou calada e que se faz miúda agora.

A certeza da separação da gostosa vida de estudante. É o partir que nos espera é a distância que se agiganta na pretensão.

Procurei como tema, o que já estava pacífico e quase sem escolha: a "História da Faculdade," nos seus 150 anos. O reviviver da tradição, que não considero a volta ao passado, mas o aliarcerce do caminho a percorrer.

Tive medo, muito medo, de não condensar em poucas linhas esse volume de história grandiosa. Se a transformasse em minutos (150), teria uma praça triste ao terminar, e encurtei os anos todos, todos e tantos nessas poucas laudas.

Já faz algum tempo, quando no sul e norte, sudeste e nordeste mais precisamente, num Brasil Império e de pouco, numa cultura pobre e criança, começara a brotar a força do DIREITO.

O lastro cultural ameno e misto, mostrara o caminho da ordem jurídica como marco inicial, fator desencadeante da necessidade já existente, de tomarem forma as relações humanas.

E no alto de Olinda, em termos de Nordeste, com a vista romântica de um mar sereno a divisar um horizonte longínquo e incerto, que nos deixa aos olhos a falsa ilusão do toque celestial, nasceu a inspiração ao aprimoramento da cultura.

E não se pode falar em Olinda sem lembrar aquele, que do pouco tempo, cultivou a intuição e nos deixou a todos dessa casa seus ensinamentos que extrapolaram não só as fronteiras do município, as fronteiras da província, mas as fronteiras do continente.

Refiro-me ao grande processualista, que empresta no nosso tempo, seu nome ao FORUM; falo de FRANCISCO DE PAULA BAPTISTA, matriculado em Olinda na sua segunda turma, a de 1829, formado em 1833, numa conclusão essencialmente nordestina.

Foi esse colega transformado em lente, logo após.

Mandou à Alemanha, seu "Compêndio de Hermenêutica Jurídica". Indiscutivelmente a nação que cultiva na Europa com grande vigor, o pensamento jurídico-filosófico atual. E que viria mais

tarde através de um também filho desta instituição e seu mestre, depois, trazer-nos, a influência desse Direito Alemão.

Num breve tempo se desceu do alto do Monte para a planície, pois a meta já se formara, e na planície do Recife, surge das terras do Sergipe, o apelido da Faculdade, TOBIAS BARRETO DE MENEZES, que nos legou com carinho, sua emoção, sua cultura, seu saber; cultivou o direito, descobriu a liberdade, assim se expressando sobre ela: "Digo a liberdade especialmente como sentimento de honra e do dever, e não como Deusa ou Fantasma de que tão entusiasticamente falam os nossos liberais", exprimindo um pensamento puro, sereno e consistente. Esse valor a liberdade, não se processa de fora para dentro, deverá e só existirá quando de dentro surge e aflora.

Trocou versos no Santa Isabel, num verdadeiro desafio poético que se contrapunha à violência dos duelos tradicionais, fazendo vibrar a platéia com o bahiano ANTONIO DE CASTRO ALVES, que conseguiu aliar seu verso, aos mais nobres princípios libertários.

Foi daqui que partiram, em busca dos céus, dos ouvidos do Imperador, da consciência do povo... Foi a voz emotiva, o grito apaixonado dito em eloquência, que nos trouxe a abolição.

Quem percorrer os corredores do Direito,
ouvirá por certo:

... "Deus ô Deus, onde estás que não respondes
Em que mundo em que estrela Tu te escondes
Embuçado nos Céus...

Escutará também seu canto otimista, a de-
desejar estrelas, aos voluntários da Pátria:

... "Eu, que a pobreza de meus pobres cantos
dei aos heróis, aos miseráveis grandes.
Eu que sou cego, mas só peço luzes
Que sou pequeno, mas só fito os Andes,
Canto nest' hora como bardo antigo,
Das priscas eras, que bem longe vão
O grande NADA, dos heróis que dormem
Do vasto pampa no funéreo chão"...

Homenagem desse poeta aos jovens que par-
tiram, muitos dessa FACULDADE, heróis patriotas, em
busca da defesa da soberania nacional, na Guerra
do Paraguai.

O segundo partiu cedo. O primeiro, veio
depois de longas investidas, se tornar mestre dessa
escola e lhe doar o apelido.

Também morou no apogeu da época, o Sena-
dor RUI BARBOSA, antes disso e de tudo, advogado,
que nos entrega essa oração:

CREDO POLÍTICO

"Creio na liberdade onipotente, criadora

das nações robustas: creio na lei e emanação nela, o seu órgão capital, a primeira das suas necessidades, creio que, neste regime, não há outros poderes soberanos e o soberano é o direito interpretado pelos tribunais; creio que a própria soberania popular necessita de limites e que estes limites - vem a ser suas Constituições, por elas mesmas criadas, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra os seus impulsos de paixão desordenada; creio que a República ' decai porque se deixou estragar - confiando-se no regime da força; creio que a federação perecerá, se continuar a não saber acatar e elevar a Justiça; porque da justiça nasce a confiança, da confiança a tranquilidade da tranquilidade o trabalho, do trabalho a produção, da produção o crédito a opulência, a respeitabilidade, a duração o vigor: creio no governo do povo, pelo povo, creio porém, que o gov erno do povo tem a base de sua legitimidade na cultura da inteligência' nacional do ensino, para a qual as maiores liberalidades do Tesouro constitui - ram sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública; creio na tribuna sem fúria e na imprensa sem restrições, porque

creio no poder da razão e da verdade, creio na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuprível das capacidades.

"Rejeito as doutrinas de arbítrio: abomino as ditaduras de todo gênero, militares ou científicas, coroadas ou populares: detesto os estados de sítio, as suspensões das garantias, as razões de Estado, as leis de salvação pública; odeio as combinações hipócritas do absolutismo dissimulado sob as formas democráticas e republicanas: oponho-me aos governos de seita, aos governos de facção, aos governos de ignorância: e quando, esta se traz pela abolição geral das grandes instituições docentes, isto é, pela hostilidade radical à inteligência do país nos focos mais altos de sua cultura, a estúpida selvageria dessa fórmula administrativa impressiona-me, como o bramir de um oceano de barbarie ameaçando as fronteiras de nossa nacionalidade".

Isso era RUI, nosso colega. E, num tempo nem tanto breve, pois o pardieiro do Hospício como que envergonhado, quase se destruiu com fogo, pas-

somos à Sacristia da Igreja do Espírito Santo, na Imperador, decorreram 55 anos, até que fez-se criar na planície, grossas paredes, que se cobriram com um teto.

Estava formada a CASA.

Contudo, faz-se mister, deixar bem claro, que a suntuosidade desse palácio, a riqueza monárquica desse prédio, a aura soberba dessa construção não formam a FACULDADE DE DIREITO por si sô.

Essas paredes que se tornam frias ou quentes de acôrdo com a variação climática, não representam a tradição nem a história desta casa.

FACULDADE é o curso (hoje enfraquecido pelo sistema de crédito), é o corpo discente e docente (que vivem isolados, cabisbaixos), é a congregação (extinta na sua essência), que representa sô saudade do passado glorioso.

A universalização do ensino, abrangeu-a em todos os seus aspectos, consumiu-a no que lhe era mais caro, alimentou-se de sua grandeza, indigestou-se, e só a grande custo lhe deixou o nome, que sô aumenta a recordação e a tristeza.

Não fosse o despreendimento heróico de um MÁRIO NEVES BATISTA, de um PINTO FERREIRA, não estaríamos sequer nesse jardim, nosso prêmio de consolação. Que é uma certeza todavia, o fincapê,

que há de impulsionar a nova lide.

Com invulgar carinho, respeito e dedicação, guardei um tópicó, nesse discorrer histórico. Assumo agora a responsabilidade de quem habitou esse teto, de quem fala nessa escadaria.

Refiro-me ao orador da turma de Bacharêis, de dezembro de 1945. Seu discurso, qual Cícero (o grande orador romano), foi feito em silêncio, não o silêncio proposital de protesto do orador, por não ter quem o ouvisse, mas o silêncio fatal e irreversível da morte.

Esse capítulo grandioso da casa de Direito, não poderia por nós, se o é por todos, ser esquecido.

Refiro-me ao bacharelado, que tem até no pré-nome, a designação do seu ideal, é de DEMÓCRITO CÉZAR DE SOUZA FILHO, de quem falo agora:

DEMÓCRITO, filho da democracia, como lembrou, em seu discurso de paraninfo, o Prof. MÁRIO GUIMARÃES DE SOUZA, na colação de grãu de 1945.

É com orgulho maior, que reproduzo nesta hora, um pensamento inédito do nosso querido colega e que foi escrito na capa de um livro de WINSTON CHURCHILL, ofertado por sua então noiva.

Transcrevo na íntegra:

DA NOIVA:

"Ao meu Demócrito, com um grande abraço,

para as horas ausentes".

DO COLEGA:

"Este livro, pensado e escrito por um grande homem, sobre os grandes homens contemporâneos e presenteado, para ser lido nas horas ausentes, por aquela que na vida é minha inspiração e estímulo, foi realmente, lido e sobretudo meditado no fundo do cárcere-Cela 4, 1a. Seção do Raio Leste, da Casa de Detenção do Recife, durante os dias 7 a 11 de setembro de 1944 - (entre tantas sua última prisão), daquela cela imunda e infecta, sem luz e quase sem ar, incomunicável, absolutamente incomunicável e de porta - uma imensa porta marrom-escuro, -Batida sobre as grades, pelo "crime" de querer para meu país e para humanidade, a liberdade de pensamento, a liberdade de expressão, a liberdade de culto, a liberdade de reunião a ausência de temor e de privação que são as 4 liberdades preconizadas pelo magnífico Presidente Roosevelt.

Lá no fundo daquela enxovia, mais triste que um campo de concentração, esteve por ser DEMOCRATA, o autor dessa legenda e o leitor amigo desse

livro.

Recife, setembro de 1944 - assina,
DEMÓCRITO CEZAR DE SOUZA FILHO".

A vida de DEMÓCRITO, com certeza, vive
e é VIDA.

Era propósito que aqui habitava. Eram
idéias que iluminavam a estrada. Era o Direito
que florescia a caminhar para a Justiça.

E, não me venham querer separá-los, es-
ses caminhos não são paralelos.

O caminhar é longo, a distância é tre-
menda, mas existe o ponto. O ponto existe.

A desventura, a descrença, a dúvida, não
arrefecem no homem a vontade de chegar.

Nós, que nos fazemos advogados, agora,
devemos medir, milímetro por milímetro, a força
da escolha. Propor por entendimento cada vez mai-
or entre um e outro e lutar como se para satisfa-
zer o ego. Sair da individualidade de cada liti-
gio para criar o geral.

Nós que nos fazemos advogados agora, de-
vemos crer com carinho que existe o caminho, o pon-
to, senão a volta. Devemos procurar em cada mo-
mento o momento ideal.

O ideal tem um momento: saber calar quan-

do há a hora.

E, nesse momento, peço licença, licença para particularizar minha emoção, uma emoção tão pura e terna que há de se doar inteira ao sentimento de cada um.

É de você, pai, gigante das primeiras emoções, dono da primeira estória, estória de trancoso, que é hoje minha verdade, aliás, minha única verdade.

É de você, homem dedicado, que me ouviu em confissão os pecados todos e me perdoou Pelo que ainda não fiz. Que me acalentou no sonho, a responsabilidade de escolher um ideal. Que empresta à juventude dos meus arrojos, a paciência, a sabedoria de um Cancho Pança. Que me presta agora a poesia de meu canto, uma lágrima furtiva de respeito alegre.

É de você, mulher moça e viçosa, que conheci, cheia de juventude, de amor, que os anos pedem licença mas que se acanham de lhe entrar, como tenazes me invadem o espírito.

É de você, mulher mais bela, onde pousaram meus olhos de criança a mendigar carinho pela vez primeira.

Que aqueceu no colo, meu corpo inteiro, que fez da mão a fortaleza dos meus passos...

3190

-24-

Que venho hoje, homem feito, com olhos
perdidos porêm, lhe procurar no meio de todos,
prã lhe oferecer o que é teu.

Tudo isso lhe pertence,

M A M ã E.

Recife, 11 de agosto de 1977.

Gilberto Ribeiro

F340.04
M357d

417Fd 92-81 / abf

Y
J88

MARQUES, Gilberto

AUTOR

Discurso do orador

TÍTULO

Devolver em	NOME DO LEITOR

F11-81 F340.04 M357d

Prove que sabe honrar os seus
compromissos devolvendo com pontualida-
de este livro à Biblioteca.